

VITRAL CULTURAL

a newsletter do CCJF

Chegou a 24ª (dois anos!) edição da *Vitral Cultural*, a newsletter mensal do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). Por aqui, você encontra matérias sobre as principais atrações e iniciativas do CCJF, além de notas e bons artigos sobre arte e cultura. Esperamos que cada pedacinho desse vitral, produzido com cuidado e apreço, te traga bons momentos de leitura. Mais uma vez, aqui vai aquele pedido especial: se gostou do conteúdo, repasse aos(as) amigos(as)! Vamos aproveitar o poder de disseminação da Internet para ampliar o acesso da população à cultura. Assim, todos(as) ganham. Gratidão ✨



Na Sala de Sessões, autoridades em solenidade que comemorou os 25 anos do Centro Cultural

Cerimônia comemorativa do Jubileu de Prata do CCJF destaca a memória de um espaço democrático e cheio de história

Dia 9 de abril de 2026, a emblemática Sala de Sessões do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) foi cenário de uma celebração valiosa para o espaço que a abriga. Foi nela que autoridades, servidores públicos e convidados celebraram o um quarto de século do CCJF, joia arquitetônica da cidade do Rio de Janeiro dedicada a incentivar e garantir o acesso da população às diversas formas de expressão cultural. A cerimônia foi marcada por dois momentos especiais: o reconhecimento do prédio histórico antes e depois de se tornar Centro Cultural e o lançamento da *Medalha de*

Soprando as velinhas: dois anos de Vitral Cultural!



Era março de 2024 a newsletter do Centro Cultural Justiça Federal, a **Vitral Cultural**, nasceu. De lá para cá, seguimos trazendo para nossos leitores um bom aperitivo de tudo que acontece dentro (e, algumas vezes, fora) do CCJF. Um conteúdo pensado para informar o público, com um pouco mais de detalhes e sensibilidade, sobre boa parte da agenda cultural que aconteceu no mês, além de convidá-los para atrações que estão prestes a acontecer.

Como mencionado na introdução da newsletter, cada pedacinho dessa vitral segue sendo produzido com muito cuidado e carinho, oferecendo bons momentos de leitura àqueles que a prestigiam.

Mérito Cultural comemorativa, criada pelo CCJF e produzida pela Casa da Moeda do Brasil (CMB).

No discurso de abertura do evento, Dr. Theophilo Antonio Miguel Filho, desembargador federal do Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2) e diretor-geral do CCJF, ressaltou que “celebrar o Jubileu de Prata do Centro Cultural Justiça Federal é reverenciar não apenas o transcurso de 25 anos de sua reinauguração, mas, sobretudo, reconhecer a permanência viva de uma história que atravessa séculos, instituições e gerações, consolidando-se como um dos mais simbólicos espaços de memória jurídica e cultural do país.” É comemorar, “não apenas a resistência de um edifício, mas a vitalidade de uma instituição que soube reinventar-se sem jamais renunciar à sua essência”.

Para ele, o edifício que hoje compõe o Quadrilátero Cultural da Cinelândia, no Centro do Rio, carrega, em suas paredes, a densidade de uma trajetória singular. “Durante 51 anos, o prédio foi palco de históricos julgamentos do Supremo Tribunal Federal – instituição que, neste ano, celebra 135 anos de existência – e testemunhou momentos marcantes da história nacional”, destacou lembrando de capítulos marcantes da memória do edifício, especialmente na Sala de Sessões, na época que era sede do Supremo, como a teoria do *habeas corpus* invertido de Rui Barbosa, a negativa de *habeas corpus* a Olga Benário Prestes, posteriormente extraditada para a Alemanha nazista, e o julgamento, em 1947, do homicídio cometido por um desembargador baiano contra um advogado, à porta de um cartório.

Após se tornar Centro Cultural, em 4 de abril de 2001, o CCJF consolidou-se como um espaço de diálogo entre Direito, cultura e sociedade. “Mais do que preservar a memória, ele a projeta para o futuro, abrindo suas portas para exposições, debates, manifestações artísticas e reflexões que reafirmam o papel da Justiça como instrumento de civilização”, pontuou ao agradecer, na sequência, aqueles que tornaram possível essa trajetória de sucesso, entre eles, todos os diretores-gerais do CCJF desde sua criação, servidores e colaboradores que trabalham (ou trabalharam) no espaço, a Casa da Moeda do Brasil, e, ainda, o público que frequenta o CCJF diariamente.

Sergio Schwaitzer, desembargador federal e decano do TRF2, um dos responsáveis pela restauração do CCJF, também foi ao púlpito engrandecer os 25 anos do Centro Cultural, fazendo uma homenagem especial ao 1º diretor-geral da casa, o desembargador federal Paulo Freitas Barata, que se encontrava presente na mesa de cerimônia. Barata geriu o CCJF por três biênios, de 2001 a 2007. “É muito orgulho estar aqui depois de um quarto de século. O Centro Cultural foi quase um filho, vi sua gestação, com a obra do prédio. Hoje, esse espaço é um polo da difusão da cultura, uma referência para o Rio de Janeiro. Isso, repito, é motivo de orgulho pessoal, da Justiça Federal e do Tribunal Regional da 2ª Região que apostou na incerteza, na

A equipe de Comunicação (e todos que fazem parte do CCJF) agradece sinceramente todo o apoio recebido nestes últimos dois anos – que, diga-se de passagem, passaram voando. Esse espaço é de fundamental importância para dar voz aos que dão vida ao Centro Cultural: artistas e cia, público, servidores, estagiários e terceirizados. Vida longa à Vitral Cultural!

.....

Cinelândia - Cinema na Rua: sessões de filmes de maio, Mês das Mães



Em maio, o *Cinelândia - Cinema na Rua* segue a programação, oferecendo duas exhibições de filmes brasileiros ao ar livre e gratuitas na Rua Pedro Lessa, na Cinelândia. O projeto exhibirá, no dia 12 de maio, o longa-metragem *Kasa Branca*, dirigido por Luciano Vidigal, que apresenta a relação de cuidado e amor entre Dé (Big Jaum) e sua avó Dona Almerinda, diagnosticada com Alzheimer.

Já no dia 26, aproveitando o Mês das Mães, é a vez do filme *Desapega!*, protagonizado pelas atrizes Glória Pires e Maisa, com direção de Hsu Chien, tailandês já veterano em comédias brasileiras. O longa-metragem conta a história de uma mãe, bem-sucedida

época que ninguém tinha nenhuma vivência sobre cultura. (...) Gostaria de homenagear o 1º diretor-geral do Centro Cultural Justiça Federal, o desembargador Paulo Barata, que se encontra presente na mesa. Também não posso deixar de homenagear os servidores, que também foram pioneiros nesse projeto, que fizeram funcionar esse Centro Cultural...isso justifica o orgulho que nós temos desse Centro Cultural. Agradeço a todos”, disse Schwaitzer.

Na mesa, além dele, do Dr. Theophilo Miguel e do Dr. Paulo Barata, outros nomes, homenageados do dia, que passaram pela direção do CCJF: os desembargadores federais do TRF2, Dr. Guilherme Calmon Nogueira da Gama, Dr. Reis Friede e Dr. Antonio Ivan Athié. Compunha também a mesa, Drª Ana Tereza Basilio, presidente da OAB, Dr. Firly Nascimento Filho, corregedor regional do TRF2, Dr. Marcus Abraham, vice-presidente do TRF2, Dr. Roque Lucarelli Dattoli, presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região e Sérgio Perini, presidente da Casa da Moeda do Brasil.

A cerimônia comemorativa contou, ainda, com a apresentação do *Duo Veredas* (flauta e clarinete), formado pelos musicistas Leandro Nascimento e Jean Gabriel, que levou aos presentes um repertório pensado exclusivamente para a celebração, – com canções de Pixinguinha e Cartola –, e o momento da quebra do molde da *Medalha de Mérito Cultural* do CCJF, coordenada pelo presidente da CMB. O ato acaba transformando-a em um item memorável de colecionador.

Ao final, todos ainda cantaram o tradicional parabéns ao CCJF, com direito a um lindo bolo que foi servido logo depois, em um coquetel aos convidados e demais presentes.



Em abril, projeto *Cinelândia - Cinema na Rua* exibiu duas sessões gratuitas a céu aberto, com direito a convidado especial

organizadora pessoal, que controla seu vício de acumuladora há anos, e a filha que consegue uma bolsa de estudos para cursar fotografia em Chicago (EUA). A saída de casa da menina ativa um gatilho na mãe que volta a ser uma compradora compulsiva. Como superar o antigo vício longe da filha?

Ambas as sessões estão previstas para acontecer às 18h30. Prepare a pipoca e venha aproveitar! É só chegar. **O evento será adiado em caso de chuvas.**



Em maio, duas novas exposições no CCJF



No dia 19 de maio, as galerias de arte do CCJF ganham duas novas exposições: *Falso Brilhante e Morro pela Boca, Vivo pelos olhos*. As novas mostras estão dentro do contexto da arte brasileira *queer* e participam da 24ª Semana Nacional de Museus cujo tema este ano tem tudo a ver com ambas: *Museus Unindo um Mundo Dividido*. Com isso, o CCJF propõe ao público um espaço que compreende a cultura como ferramenta de escuta, ampliação ao debate público, direito de representação e construção de vínculos numa sociedade tão fragmentada.

Retomando a programação e no contínuo esforço para recuperar a vocação primordial da Praça Floriano Peixoto (e arredores) como polo cultural, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**, com apoio da Banca do André e da ASPAC - Associação dos Servidores Públicos da ANCINE, promoveu duas exibições de filme ao ar livre e gratuitas na Cinelândia.

No dia 14 de abril, o projeto *Cinelândia - Cinema na Rua* levou para a telona montada na Rua Pedro Lessa o documentário *Andança - Os Encontros e as Memórias de Beth Carvalho*, dirigido por Pedro Bronz e disponibilizado pela produtora TvZero. Uma linda homenagem para a “Marinha do Samba”. Já no dia 28, foi a vez de exibir o recente longa-metragem *O Velho Fusca*, com direção de Emiliano Ruschel, que transformou a rua em uma grande sessão de cinema a céu aberto e contou com a presença de um convidado ilustre: o experiente ator Tônico Pereira, um dos protagonistas da filme. A trama é produzida pela Ruschel Studios e distribuída pela A2 Filmes.

Andança celebra o legado de Beth Carvalho, uma das maiores sambistas do Brasil, que ajudou a revelar grandes nomes e a revitalizar o gênero musical. Na ocasião, olhos atentos e emocionados acompanharam de perto o documentário, um recorte único da vida dessa singular figura da cultura nacional. O filme é resultado de uma sensível curadoria de mais de 2 mil horas de memórias do acervo pessoal da artista em formato de vídeos gravados ao longo de 53 anos da carreira de Beth Carvalho. Ao final da exibição, o silêncio do espaço deu lugar a aplausos acalorados que reverenciavam uma das cantoras e compositoras de samba mais importantes do país – que faleceu em 2019.



Na rua Pedro Lessa, na tela à céu aberto, uma das cenas do documentário Andança, sobre Beth Carvalho

Já a ficção *O Velho Fusca* conta a história de um jovem tentando buscar seu lugar no mundo. Ele encontra na garagem um carro antigo que pertencia ao avô (Tônico Pereira), um senhor já bem endurecido pelas dificuldades da vida. Com planos de ficar com o veículo, o rapaz acaba mexendo em feridas do passado e sendo o responsável por tentar remediar uma briga antiga, relacionada ao fusca, que dividiu a família há anos.

O período de visitação das exposições no Centro Cultural será entre **20 de maio e 21 de junho**, de terça a domingo, das 11h às 19h. É gratuito. Venha conferir!

A história do CCJF: agende sua visita!



O programa conta a história do prédio, de sua construção até os dias atuais. Projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios para ser originalmente o Palácio Arquiepiscopal, o edifício - exemplar da arquitetura eclética - abrigou o Supremo Tribunal Federal de 1909 a 1960.

Atualmente, é um dos poucos remanescentes da reformulação da cidade do Rio de Janeiro ocorrida no início do século XX.

A visita propõe, ainda, uma reflexão sobre preservação do patrimônio histórico, cultura, justiça e sociedade.

O serviço de visita orientada é gratuito e o agendamento pode ser feito da seguinte maneira: para até 10 pessoas [clique aqui](#)

Já para grupos de até 40 pessoas pelo e-mail: visitas.ccjf@trf2.jus.br

Refúgio para a mente, olhos e

Junto ao público, sentado na primeira fila, Tônico Pereira prestigiou o evento e recebeu uma singela homenagem do CCJF: uma miniatura de um fusca estilizado com a foto dos personagens (neto e avó). “O projeto tem o objetivo de trazer o cinema e as pessoas de novo para a rua, fazer com que todos se unam para um objetivo comum. Gente diferente, sentando à céu aberto, assistindo e se conectando com o filme. Hoje, mais do que isso: é uma homenagem a um grande ator que tem 58 anos de carreira. Estamos muito felizes em recebê-lo. É uma honra trazer o Tônico Pereira para cá”, destacou Thays Acaiabe, servidora do Setor de Artes Cênicas e Audiovisual do CCJF. O artista agradeceu a homenagem. “É muito gostoso estar aqui com vocês, é o que mais nos dá uma chance de ser, de fazer peça, filme...fazer arte”, salientou Tônico.



Prestigiado pelos presentes, Tônico Pereira discursa sobre o prazer de estar sendo homenageado no Cinelândia - Cinema na Rua, na exibição do filme O Velho Fusca, no qual ele é um dos protagonistas

A proposta é que o projeto *Cinelândia - Cinema na Rua* tenha exibições frequentes, sempre gratuitas, sem necessidade de distribuição de senhas, com preferência para filmes brasileiros com legendas em português, sendo acessível aos deficientes auditivos. “O intuito é incentivar o acesso à cultura, direito fundamental e universal, para todos os públicos e ocupar a Cinelândia, local emblemático e histórico para o cinema brasileiro”, ressalta Ricardo Horta, diretor-executivo do CCJF.

E não demora até a próxima sessão. Este mês tem mais! Só trazer a pipoca e chegar. Mais informações no site do CCJF, [clique aqui](#).

ouvidos no coração do Centro do Rio

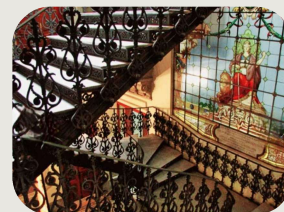


Venha conhecer a biblioteca do CCJF, localizada no 2º andar do nosso prédio. Lá, você encontra um acervo especializado em Arte e Cultura, ambiente confortável para ler e estudar.

Não é necessário se cadastrar nem agendar horário para frequentar nossa biblioteca.

A biblioteca está aberta ao público de **terça a sexta**, das **12h às 17h**, exceto no recesso judiciário e feriados.

Programação do CCJF no WhatsApp



Fique atento(a) à nossa programação. Entre no grupo do WhatsApp especialmente feito para a divulgação dos próximos eventos. É só apontar a câmera do celular para o QR code abaixo:





No palco do CCJF, os atores encenam a peça *O Último Dia*, um olhar sensível sobre relacionamentos abusivos e a violência doméstica. Crédito da foto: Lorena Zschaber

O *Último Dia* destaca a força do teatro no debate sobre violência contra a mulher

No mês de abril, o espetáculo teatral *O Último Dia* ocupou os palcos do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) propondo um olhar sensível e necessário sobre os relacionamentos abusivos e a violência doméstica. Dirigida por Paulo Reis, a peça foi inspirada no livro homônimo de Mariana Reade e Wagner Cinelli.

O enredo conta a história de Luana, uma mulher comum que, aos poucos, se vê presa em uma relação marcada pelo controle, pelo medo e pelo silêncio. Em cena, os conflitos aparecem de uma maneira próxima da realidade, apresentando ao público experiências que, infelizmente, fazem parte da vida de muitas mulheres. Com atuações de Tainá Senna, Eduardo Hoffmann, Ana Carbatti e Julia Tupinambá, o espetáculo aposta em interpretações intensas e emocionantes.

A cada sessão, o espetáculo conseguia criar uma forte conexão com o público. Durante a temporada no CCJF, crescia o interesse pela peça e pelas discussões que ela levantava. As rodas de conversa realizadas após algumas apresentações ampliaram ainda mais essa troca, transformando o teatro em um espaço de escuta, diálogo e acolhimento. Entre os convidados estavam nomes como Anielle Franco e Martha Rocha, fortalecendo os debates sobre violência contra a mulher e direitos sociais.

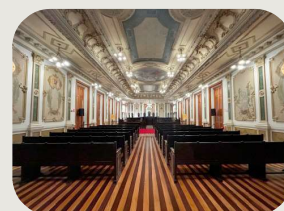
Mais do que contar uma história, *O Último Dia* constrói uma reflexão sobre situações que fazem parte da realidade de milhares de mulheres. Ao levar esse tema para o palco de um espaço historicamente ligado à justiça e à cidadania, o espetáculo reforça a potência da arte como ferramenta de conscientização e transformação social.

O coordenador de Comunicação, Guilherme Nanni, contou o quão emocionante e importante foi essa temporada no Centro Cultural. “Saio dessa experiência muito emocionado e grato. Mais do que os números e a excelente adesão do público, fica a sensação de que conseguimos construir algo verdadeiro, que tocou as pessoas e gerou encontros importantes através da arte”, declarou Guilherme.



Você também pode acessar o site do CCJF e conferir nossa programação completa e atualizada. [Clique aqui!](#)

Curiosidades do CCJF: você sabia?



Você sabia que o piso da Sala de Sessões é valiosíssimo?

Feito de madeiras nobres como peroba e pau roxo, o piso da Sala de Sessões do CCJF provavelmente foi produzido a partir de árvores extraídas do Bosque da Igreja de Santa Luzia. Composto por tábuas inteiras, sem emendas, o chão impressiona pelas grandes dimensões, que chegam a 12 metros de largura e 24 metros de comprimento.

Esses pisos também compõem o assoalho do Foyer, antessala da Sala de Sessões, criando uma conexão harmoniosa entre os ambientes e valorizando ainda mais a arquitetura do espaço histórico.



Da esquerda para direita, Carol Lardoza, Liliam Reis e Andressa Cabral, que conversam sobre como olhar para além da moda

Confluência: encontro inspirador em que a moda ultrapassa o vestir

No dicionário, a palavra *Confluência* significa “ponto de encontro entre duas ou mais coisas”, “junção, reunião”; no sentido figurado, “acordo, concordância, similaridade”. Tudo isso (e mais um pouco) resume o que foi o evento *Confluência: Uma Tarde de Moda, Design e Criatividade*, realizado no último dia 18 de abril no **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**. Durante o período da *Rio Fashion Week*, que aconteceu entre 14 a 18 de abril no Píer Mauá, região do Porto Maravilha, o CCJF recebeu um encontro que propôs olhar a moda para além da passarela. Liliam Reis, consultora de imagem à frente da *Imagem Disruptiva*, recebeu mulheres inspiradoras para um dia de atividades que incluiu palestra, visita orientada, roda de conversa e oficina de estilo, propondo discutir como a experiência do vestir e a auto imagem dialogam com identidade, cultura, ancestralidade e modos de vida. “A gente percebe que (na sociedade) existe a idade, o corpo certo, o lugar certo para usar determinadas coisas (moda). Nesse sentido, viemos com outro aspecto, tentar entender quem já cansou de seguir uma cartilha com a qual não cabe. Se vestir é colocar para fora, de fato, que se é”, explica Liliam na palestra *Vestir-se de Si - Cultura, Referências e Poder na Construção da Imagem*, na qual foi mediadora e recebeu as convidadas Carol Lardoza, historiadora e pesquisadora de Moda pela UFRJ e Andressa Cabral, sócia e head chef do Meza Bar e do Yayá Comidaria Pop Brasileira para um papo necessário e descontraído que contou com a participação do público.

Foi um espaço de encontro, troca, formação e experiência prática que passou entre trajetórias profissionais e construção coletiva, propondo uma reflexão estratégica sobre imagem e posicionamento, vivência prática orientada e *networking*

qualificado. Sobre a questão da ruptura de padrões, principalmente na moda em um contexto voltado para o ambiente de trabalho, e o encontro da própria identidade, Liliam ressaltou que a imagem vai além do vestir, ela significa a validação e a autenticidade de alguém, o quanto a própria pessoa se entende e como a moda faz sentido para ela, a partir de experiências vividas e construção de valores. “Você pode fazer uso do recurso da sua imagem, não para parecer com o que esperam, mas para mostrar que você tem consciência da trajetória que você construiu, do quanto você trabalhou no seu dom, o quanto você valoriza o seu dom, o quanto vc quer ser vista e conhecida pela sua forma de ser e existir no mundo”, disse. Para ela, a ideia é que toda vez que se fala de imagem disruptiva, trata-se “do empoderar”. “Quando falamos de empoderamento, estamos falando de reconhecer o poder que já existe dentro de nós. Retomar o próprio poder, não é sobre alguém que está concedendo-o. Quando a imagem disruptiva promove o movimento de empoderar escolhas, não é como se o poder estivesse na roupa e agora ele está sendo transferido para você. Ele está na sua história, na sua linha do tempo, e agora por você observar por outro ângulo, ensinou.

Carol Lardoza, que costuma se comunicar inclusive por meio da roupa que usa, endossa a fala de Liliam ao contar um pouco sobre sua história de vida. Moradora de Bangu, Zona Oeste do Rio de Janeiro, trouxe à memória o fato de ter crescido em uma casa em que a avó e a mãe eram costureiras e que, na época, a atividade não era percebida como “o fazer moda” mas sim, algo para complementar a renda. “Eu gostava das roupas que elas faziam, tinha essa relação íntima e afetiva, porém, achava que trabalhar com moda seria demais, já seria outro ponto que eu não conseguiria acessar. E dentro da História (curso de graduação), me reencontrei com a moda porque ela é um fenômeno social e historiográfico. Conseguimos entender partes marcantes da história brasileira através do vestir, nosso e de outras pessoas”, pontua.

Assim, com esse entendimento dentro da pesquisa em História, na UFRJ, Carol conseguiu fazer essa ponte entre moda enquanto política e economia, por exemplo. “E a partir disso a moda não saiu mais da minha vida...tanto na vivência familiar, na acadêmica e depois no espaço digital”, acrescenta. Hoje, ela realiza mestrado na área, pesquisando e experienciando um trabalho etnográfico em campo, com expositores da Praça XV que estão fazendo moda circular. “Brechadeiras, marcas autorais upcycling que vem de lugares diferentes do nosso território, desde a Baixada Fluminense, Zona Norte, Zona Oeste...pesquisei essa confluência da potência da moda e isso reverbera o que sou, o que eu vi”, contou ao frisar que o estímulo que a sociedade recebe a todo tempo pelo ‘novo’ no mercado da moda. “Quando fazemos o processo contrário, de respirar, ver o que já existe... não precisa resolver problemas e criar soluções... o futuro do design é olhar para o que já tem e tentar fazer com que as pessoas aprendam a escutar”, refletiu.

A chef de cozinha Andressa Cabral também dividiu um pouco de sua vivência desde a infância, época que morava em Santa Teresa, no Centro do Rio de Janeiro, e via a mãe e a avó, cozinheira profissional, tratar o ofício apenas como um dos meios de sobrevivência da família. Era uma criança com uma

relação conturbada com a comida e a avó descobriu que ela só comia se o prato “fosse bonito”. Anos depois, ao participar da produção de um programa de TV sobre compulsão alimentar, começou a aprofundar toda a sabedoria da avó que foi líder de uma horta comunitária, mexendo no cerne do que se tornaria sua existência profissional. “Diziam: ‘preto não pode gostar de luxo, do bonito, tem que aceitar o que tem’...a minha relação com o belo começou a nortear de uma maneira tão certa as minhas escolhas que ela foi se mostrando costurada por outras facetas de beleza. Na minha família, a moda estava ali estruturando o meu pertencimento nos lugares. Continuo não me achando uma pessoa da moda, mas ‘o vestir’ sempre foi uma linguagem para minha família e isso muito antes de entender que isso era real, eu só entendia como valor de família”, pontuou ao afirmar que hoje, não há um prato que faça que não vai tem tom, axé, e assinatura próprios. “Fui aprendendo a multifacetar as minhas linguagens...aprendemos vários ‘idiomas’ na vida. O vestir na gastronomia foi estruturante para eu me posicionar na profissão”, ressaltou. Ela precisou fazer inúmeras adaptações no seu primeiro uniforme para gastronomia, substituindo inclusive a touca pelo potente turbante feitos com tecidos africanos, os chamados ankaras. “Isso é preto expressando o orgulho de ser preto, com tipos diferentes de ser preto, com um cheiro de dendê, que é uma gordura de origem africana, e cabaça pendurada...cozinho de turbante, igual a pessoa baiana...a gente não está só no lugar do vestir não, são símbolos e signos (que nos definem)”, disse.

Depois do *Confluência*, o que fica é o incentivo de se apropriar da moda como uma potencializadora da imagem do que se é, carregando com ela todas as nuances e os valores identitários e, ainda, tomando a liberdade de mostrar várias versões de uma só pessoa. Aí é que está o famoso ‘molho’.



**Cultura caipira ganha destaque em
apresentação no CCJF**

No dia 30 de abril, o teatro do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** abriu suas portas para mais um show da *Orquestra Caipirando*. Com regência de Henrique Bonna, a orquestra conta com mais de 25 músicos e encanta o público por onde passa. Composta por instrumentos diversos, como viola caipira, violão, cavaquinho, baixo, flauta e percussão, o grupo fez uma apresentação leve e cheia de animação, com direito a dança dos integrantes; teve até quem levantou-se da plateia para acompanhar.

O repertório trouxe músicas regionais e canções autorais, com arranjos e adaptações desenvolvidos pelo maestro que, em alguns momentos, contava (com muito carisma) a história de cada composição. A proposta da orquestra vai além do entretenimento e busca preservar saberes populares, fortalecer a memória social e valorizar o patrimônio cultural brasileiro. Elementos tradicionais como berrante, berimbau e apitos também fizeram parte do espetáculo, criando uma experiência que aproximou o público das raízes culturais brasileiras, além de despertar curiosidade. A apresentação das músicas *Romaria*, de Renato Teixeira, e *São Gonçalinho*, de Kátia Teixeira e Luiz Salgado — dedicada ao padroeiro do grupo São Gonçalo do Amarante —, marcaram a apresentação e emocionaram os que estavam presentes.

Além da qualidade musical, o concerto também chamou atenção pela sintonia entre os integrantes. A troca entre os músicos no palco trouxe espontaneidade para a apresentação e reforçou o caráter coletivo da orquestra, que reúne artistas de diferentes trajetórias e idades em torno da valorização do gênero. Ao final, a plateia aplaudiu o show de pé e fez um pedido bis, algo que foi prontamente atendido.

O músico Roberto Gnattali compartilhou sua experiência ao assistir ao concerto. “Achei o show muito bom... todo mundo muito ótimo. É uma surpresa porque a gente não conhece, aqui no Rio de Janeiro, grupo de Viola Caipira, temos mais shows e samba. O teatro também é muito bom. Estão todos de parabéns”, declarou.

A médica veterinária Isabel Cristina Bonna afirmou que a apresentação da orquestra refletiu “um encontro que divulga e reafirma a viola como instrumento vivo, potente e presente no Rio de Janeiro.”





Oficina de microcontos no CCJF: narrativas curtas mas carregadas de intensidade

No dia 11 de abril, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) recebeu a oficina *Esses Pequenos Notáveis: Oficina de Leitura e Escrita de Textos Minimalistas*. Idealizado pela escritora argentina Cecilia Botana, o evento voltou ao CCJF pela 3ª vez reunindo participantes interessados em explorar narrativas curtas, mas carregadas de significado.

Ao longo da oficina, o público mergulhou em diferentes formas de escrita breve, como microcontos, haicais, microcrônicas e o poe-trix. A proposta apresentou como esses gêneros, impulsionados especialmente com o crescimento das redes sociais nos anos 2000, ganharam novos espaços e leitores ao transformar poucas palavras em textos capazes de provocar reflexões, imagens e emoções.

Entre leituras e conversas, a facilitadora conduziu os participantes por obras de autores conhecidos e também por textos menos populares, incentivando a interpretação das entrelinhas e a construção de diferentes sentidos dentro das narrativas minimalistas. A atividade também abriu espaço para a produção de textos autorais, que foram lidos, comentados e desenvolvidos coletivamente durante o encontro com alunos que se mostraram bastante interessados.

No final, foram sorteados dois livros: a coletânea de haicais *Entreolhares Poéticos*, de Jurema Rangel, Maria Helena D'Ávila e Stella Peixoto, e o livro *6 5 Microrrelatos Muito Normais/Muy Normales*, de autoria da própriaicineira.

Cecilia Botana elogiou a estrutura disponibilizada pelo CCJF. “A infraestrutura oferecida foi fundamental para poder oferecer aos participantes o material e o conforto necessários, além de agradecer pelo apoio recebido”, destacou.





<<POR DENTRO>> DO CCJF

entrevista com
Ivanilda de Sousa

A *Vitral Cultural* desta edição dá continuidade na série de entrevistas **Por dentro do CCJF**. Dessa vez, a entrevistada é Ivanilda Moreno de Sousa, copeira do Centro Cultural. Ela conta sobre sua rotina no **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**, entre suas funções: a organização da copa, preparação e serviço de bebidas (água, café, chá) e alimentos para reuniões e eventos, além de higienizar utensílios e manter o ambiente limpo. Confira a entrevista completa a seguir:

VITRAL CULTURAL: O que fez escolher a profissão e como é trabalhar no Centro Cultural Justiça Federal? ?

Ivanilda de Sousa: Escolhi uma profissão a qual eu me encaixo com facilidade pois sempre trabalhei com atividades semelhantes. Minha principal função é ser garçomete/copeira e gosto bastante do que faço.

VITRAL: Há quanto tempo você trabalha no CCJF e como é trabalhar em um Centro Cultural?

Ivanilda: Trabalho há 2 anos e 3 meses na Justiça Federal. Antes, eu estava no Tribunal Regional Federal 2ª Região (TRF2) e realizava as mesmas funções que exerço aqui. No CCJF, estou há 10 meses. É uma experiência relativamente nova que considero muito difícil, porém é nas dificuldades que consigo enxergar meu potencial e empenho, além de perceber o companheirismo dos amigos de trabalho.

VITRAL: Conte-nos alguma curiosidade ou caso que considere memorável, seja profissional ou pessoal...

Ivanilda: Antes de vir para cá, eu via as funções que tenho como um desafio. principalmente eu um local diferente do que eu costumava trabalhar. Hoje, minha visão mudou. Vejo que com um bom empenho e dedicação, o trabalho se torna mais leve e adaptável. Sobre um fato memorável, achei inovador o CCJF criar abelhas no Jardim do prédio. Inclusive, participei de uma visita interna para saber mais sobre as espécies do meliponário que temos aqui (abelhas Iraí e Jataí) e adorei.





Confluência pela Imagem Disruptiva: quando moda, identidade e cultura se encontram no coração do Rio

Por Liliam Reis | Idealizadora do projeto Confluência pela Imagem Disruptiva.

"(...) 'pensar a moda' com um olhar interseccional significa reconhecer que nenhuma recomendação de estilo existe fora de um contexto de como você manifesta sua corporeidade, isto é: de gênero, raça, classe e território."

Há encontros que não se planejam completamente. Que surgem da soma de uma intenção genuína, de um espaço que acolhe e de pessoas que chegam prontas para se mover. O projeto *Confluência* é, em sua essência, esse tipo de encontro.

Inspirado nos diálogos do mestre Antônio Bispo dos Santos (o Nego Bispo) em *A Terra Dá, a Terra Quer*, o *Confluência* nasce da compreensão de que moda, cultura e identidade não são territórios separados, mas fios de um mesmo tecido. A proposta é simples e, ao mesmo tempo, profunda: criar um espaço em que seja possível viver o exercício da cidadania de forma leve, plural e afetiva, onde o que se veste é uma extensão do que se é, e não uma performance do que se deveria ser.

Ao longo de cinco edições, o projeto percorreu espaços de referência cultural no Brasil. Passou pelo primeiro museu público de moda de Minas Gerais (MUMU), pelo Circuito Cultural da Praça da Liberdade, chegou ao Rio de Janeiro em edição anterior pelo Rio2C e retornou à capital fluminense em abril de 2026, desta vez no Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), como parte da programação de 25 anos da instituição e em diálogo com a semana de moda do Rio.

Um prédio que também é memória — Chegar ao CCJF é, antes de tudo, um ato de reconhecimento. O edifício da Avenida Rio Branco, 241, projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios e inaugurado em 1909, carrega em cada detalhe a complexidade do Brasil que se construía e que ainda se constrói. A escadaria de mármore de Carrara, o ferro trabalhado em estilo Art Nouveau, os vitrais e os painéis de Rodolfo Amoedo fazem do espaço um objeto de arte em si mesmo. Foram décadas de história sedimentadas nas paredes: o prédio abrigou o Supremo Tribunal Federal até a transferência da capital para Brasília, em 1960, e guarda em seu interior marcas de julgamentos que tocaram profundamente a memória nacional, como o da revolucionária Olga Benário, que passou por aquelas salas promovendo reflexão do papel da justiça até hoje.

A visita orientada que abriu o evento fez questão de materializar essa história. Muitos dos participantes, cariocas da gema, confessaram nunca ter atravessado aquelas portas, um fenômeno comum: passamos anos diante de monumentos sem habitá-los. O *Confluência* propôs, naquele dia, que a ocupação desse espaço fosse também um gesto político e afetivo.

O presente inesperado: Lélia Gonzalez no mesmo tempo e lugar — Não estava no roteiro original, mas estava no destino: o CCJF recebia, naquele período, uma exposição temporária dedicada a Lélia Gonzalez — intelectual, antropóloga, militante e uma das pensadoras mais potentes que o Brasil produziu. Para mim, que idealizei o *Confluência* e que há anos me debruço nos estudos de interseccionalidade aplicados à consultoria de imagem, a coincidência foi mais do que simbólica.

Lélia Gonzalez é uma das referências centrais para pensar como raça, gênero e classe se entrecruzam nos modos de existir e de se apresentar ao mundo. Sua obra atravessa diretamente o que o *Confluência* se propõe a construir: um olhar para a imagem que não é neutro, que não é universal, que é situado e plural. Estar naquele espaço, naquele momento,

compartilhando o mesmo aniversário com Lélia, foi um presente que o projeto não esperava e que chegou como uma confirmação.

Imagem disruptiva: a palestra que abre o campo – A parte expositiva do evento, conduzida por mim, apresentou os fundamentos da metodologia da

Imagem Disruptiva, uma abordagem que parte do pressuposto de que a construção da imagem pessoal deve ser guiada por quem se é, e não por quem se espera que alguém seja.

No papo, conversamos sobre o que seria “pensar a moda” com um olhar interseccional. Isso significa reconhecer que nenhuma recomendação de estilo existe fora de um contexto de como você manifesta sua corporeidade, isto é: de gênero, raça, classe e território. Significa também reconhecer que os dons e os talentos de uma pessoa podem, e devem, encontrar forma através do que ela veste. Não como fantasia, mas como linguagem.

O público que chegou ao CCJF naquele dia não foi aleatório. Uma das características mais marcantes do *Confluência* é essa reciprocidade entre o evento e quem o escolhe: não é um evento para qualquer perfil, e ao mesmo tempo é completamente aberto. O que o torna singular é o nível de consciência de quem aparece: majoritariamente mulheres, em toda a sua diversidade de corpos, raças, afetos e trajetórias, com uma maturidade que não se mede apenas em anos de vida, mas em disposição real para o encontro. Gente que gosta de gente.

As convidadas: quando a trajetória fala mais alto que o currículo – A roda de diálogo que se seguiu reuniu duas mulheres cuja presença ali dizia muito sobre o que o *Confluência* entende por potência.

O projeto não convida pessoas para falar de dificuldades. Convida para falar de soluções, de conquistas, de como cada uma delas, a partir de quem é, construiu algo que interessa ao mundo. Isso também é disrupção: romper com a expectativa de que mulheres diversas reunidas em torno de moda e gastronomia precisam, necessariamente, habitar o espaço da dor.

Andressa Cabral é chef de cozinha e pesquisadora e empresária, à frente do Yayá Comidaria Pop Brasileira, recentemente reconhecida pelo Guia Michelin 2026 entre os restaurantes recomendados do Rio de Janeiro. Andressa compreende seus ingredientes desde a terra até a mesa, e desde a mesa até o descarte, num entendimento de cultura e *design* que vai muito além do glamour de uma premiação.

Carol Lardoza é historiadora de moda graduada pela UFRJ, pesquisadora que investiga como as roupas revelam interseções de gênero, classe e raça ao longo da história brasileira. Nascida e criada em Bangu, zona oeste do Rio, ela constrói um trabalho que reposiciona a periferia e a circularidade das roupas como objetos legítimos de pesquisa e como expressão de uma inteligência criativa. No mesmo período, Carol participava das atividades da *Rio Fashion Week* e se desdobrou para estar presente no *Confluência*. Esse gesto já diz algo sobre o tipo de encontro que o projeto provoca.

A oficina: quando a teoria encontra o corpo – O encerramento do evento se deu em movimento. Na oficina de estilo conduzida por Laís de Souza e Aline Vitorino, duas profissionais formadas dentro da metodologia da Imagem Disruptiva e suporte fundamental desta edição carioca, as participantes foram convidadas a construir painéis estéticos que não apontavam para um ideal de moda, mas para a própria experiência de cada pessoa presente.

Linhas, formas, texturas e cores como linguagem do que se pulsa, do que se sente, do que se é. Um *mood board* não como aspiração, mas como espelho. A oficina funcionou como a síntese de tudo que o dia havia proposto: começar pela história do lugar, atravessar a teoria, ouvir quem fez e, por fim, fazer.

O que o *Confluência* abre – Levar este projeto de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, de forma independente, com entrada gratuita e abertura genuína ao público, é também uma declaração. De que esses diálogos precisam circular. De que a democratização da moda e da cultura não é *slogan* e precisam de um método para sair do campo discursivo e se materializar de forma estética.

O CCJF acolheu o *Confluência* com uma generosidade que merece ser nomeada: desde Maria de Oliveira e Luciana Villar, da Divisão de Cultura do CCJF, até o suporte para visita orientada realizada por Wanderley Lemgruber e Joane Francis, do Setor Educativo do CCJF, além de toda

a equipe da instituição, do staff à curadoria, fez com que cada participante se sentisse celebrada por ocupar aquele espaço. E é exatamente isso que o projeto espera provocar onde passa, que as pessoas sintam que têm direito a estar ali.

Que esta edição seja a primeira de muitas parcerias. Que as águas continuem a confluir.

Lilium Reis é consultora de imagem, pesquisadora e pioneira nos estudos de interseccionalidade aplicados à consultoria de imagem no Brasil. Idealizadora do projeto Confluência pela Imagem Disruptiva.

